

RELAÇÕES ESPAÇO-TEMPORAIS EM “MADINUSA”, DE JOÃO MELO

Luciano Nogueira (Doutorando em Letras Vernáculas, UFRJ)

RESUMO

O trabalho analisa a narrativa de título “Madinusa”, do livro *O homem que não tira o palito da boca* (2009), quinta coletânea de contos do autor angolano João Melo. No enredo, uma cidadezinha do nordeste brasileiro recebe a insólita visita do presidente americano George W. Bush, que está em busca de uma garota brasileira, pois ela teria prestado uma valiosa contribuição para o Império, sendo, portanto, necessário homenageá-la. Relata-se também como aconteceu o encontro entre os pais da personagem principal durante a Segunda Grande Guerra Mundial. O que levaria um autor angolano a tecer uma história com personagens tão díspares, em lugares tão singelos (uma boate em uma pequena cidade pobre do interior brasileiro) e em momentos históricos tão marcantes (Segunda Grande Guerra e a ocupação do Iraque no início do século XXI)? Quais seriam as premissas subjacentes à sua trama, para as quais o narrador, ao mesmo tempo em que as dissimula, parece querer chamar a atenção? São essas as questões que orientam este artigo. Algumas considerações sobre as características do gênero conto são tecidas com o objetivo de evidenciar as estratégias narrativas encontradas no artefato cultural do autor caluanda, sobretudo no que diz respeito ao tratamento do espaço e do tempo.

Palavras-chave: João Melo; Conto; Espaço e tempo.

ABSTRACT

The paper aims to analyze the narrative “Madinusa”, from the book *O homem que não tira o palito da boca* (2009), fifth collection of short stories by the Angolan writer João Melo. In the plot, a little town in northeastern Brazil receives the unusual visit of the American president George W. Bush, who is looking for a Brazilian girl, since she would have made a valuable contribution to the Empire. It is also reported how the girl’s parents met each other, during the Second World War. What would lead an Angolan author to create a story with such different characters, in such simple places (a nightclub in a small poor town of Brazil) and in such remarkable historical moments (Second World War and the occupation of Iraq in the beginning of the XXI century)? What would be the premises of the plot, for which the narrator, at the same time as he conceals them, seems to want to draw attention? These are the questions that guide this article. Some considerations about the characteristics of the short story as a literary genre are made in order to evidence some narrative strategies found in the cultural artifact of the *Caluanda* author, especially those concerning the treatment of space and time.

Keywords: João Melo, short story, space and time.

A obra literária em prosa do escritor angolano João Melo compõe-se de seis coletâneas de contos por enquanto. Quase sempre com bastante ironia e humor, os temas abordados nos seus textos são os mais diversos, situações cotidianas ordinárias, infidelidades (políticas e conjugais), prostituição, questões étnico-raciais, de gênero, de classe e de geopolítica. As histórias são ambientadas, em sua maioria, em Angola, sobretudo em Luanda, nos mais variados espaços, rua, táxi, restaurante, hotel, elevador, apartamento etc. Há, contudo, algumas narrativas que se desenvolvem em outros países, como Portugal, Brasil, Estados Unidos e Israel. Neste trabalho analisa-se a narrativa de título “Madinusa”, do livro *O homem que não tira o palito da boca* (2009), quinta coletânea de contos do autor caluanda. O enredo sob investigação acontece numa cidadezinha (não nomeada) do nordeste brasileiro, que recebe a insólita visita do presidente americano George W. Bush. O Chefe do Império, nos termos do narrador, está em busca de uma garota brasileira (a protagonista da história) que teria prestado uma valiosa contribuição para o Império, sendo, portanto, necessário homenageá-la. Apesar de ser uma narrativa literalmente curta, de nove páginas apenas, a sua duração vai desde a concepção da protagonista até o momento em que o Chefe do Império a encontra, já aos dezesseis anos. Além disso, relata-se como aconteceu o encontro entre os pais da personagem principal durante a Segunda Grande Guerra Mundial.

É de se convir que os componentes da história fustigam a curiosidade. O que levaria um autor angolano a tecer uma história com personagens tão díspares (uma moça discreta e de hábitos simples e o presidente dos Estados Unidos), em lugares tão singelos (uma boate em uma pequena cidade pobre do interior brasileiro) e em momentos históricos tão marcantes (Segunda Grande Guerra e a ocupação do Iraque no início do século XXI)? Quais seriam as premissas subjacentes à sua trama, para as quais o narrador, ao mesmo tempo em que as dissimula, parece querer chamar a atenção? São essas as questões que orientam este artigo. Com o objetivo de evidenciar as estratégias narrativas encontradas no artefato cultural do autor angolano, são tecidas algumas considerações sobre as características do gênero conto, pertinentes à composição do seu texto, sobretudo no que diz respeito ao tratamento do espaço e do tempo. Nesse sentido, foi decisivo para a análise o conceito de cronotopo, desenvolvido em *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* (2014), pelo filósofo Mikail Bakhtin, para percepção da temática e da visão de mundo aludidas no texto do escritor luandense.

O escritor argentino Julio Cortázar, em “Alguns aspectos do conto”, tentando arrolar algumas características desse gênero¹ de difícil classificação, afirma que “é útil falar do conto por cima das particularidades nacionais e internacionais”, por causa da sua “importância e [...] vitalidade” (CORTÁZAR, 2006, p. 150). A primeira característica a ser observada é o limite físico, pois, conforme Cortázar, na França, por exemplo, uma narrativa ficcional que ultrapasse vinte páginas “toma já o nome de *nouvelle*, gênero [...] entre o conto e o romance propriamente dito” (CORTÁZAR, 2006, p. 152). O contista sente a necessi-

1. Conforme Ana Malfada Leite (2012), em *Oralidades & escritas pós-coloniais*, “é ‘natural’ que um escritor africano use o conto, porque é o gênero que permite estabelecer a continuidade com as tradições orais [de acordo com as características próprias de cada literatura nacional, evidentemente]” (LEITE, 2012, p. 30). A autora, no entanto, adverte que “nem todas as literaturas africanas recorrem predominantemente a esse intertexto de base [a oralidade]” (LEITE, 2012, p. 28). Embora João Melo faça uso de um recurso (destacado mais adiante na análise) que poderia ser entendido como desequilíbrio narrativo, talvez resultante de técnicas da narração oral, não se convalida neste trabalho a hipótese de que o autor angolano pretenda estabelecer uma continuidade com as tradições orais, apesar de a sua narrativa apontar, sim, para elementos que tendem a permanecer na continuidade das transformações históricas, consoante será evidenciado na sequência.

dade de eleger um acontecimento significativo que seja capaz de provocar “no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento [...] literário contido [...] no conto” (CORTÁZAR, 2006, p. 151-152, grifo do autor). Diferentemente do romance, que, aos poucos, produz cumulativamente efeitos no receptor, “um bom conto é incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases” (CORTÁZAR, 2006, p. 152). Assim, o “tempo e o espaço do conto têm de estar como que condensados, submetidos a uma alta pressão espiritual e formal para provocar essa ‘abertura’ a que me referia antes” (CORTÁZAR, 2006, p. 152). De modo semelhante, Alfredo Bosi (1977), em “O conto brasileiro contemporâneo”, avalia que, sem essa tensão (alta pressão espiritual e formal, nos termos de Cortázar), “o conto não passa de crônica eivada de convenções, exemplo de conversa ou da desconversa média, lugar-comum mais ou menos gratuito” (BOSI, 1977, p. 9).

Claro está que, por essas particularidades do conto (tempo e espaço condensados submetidos a uma alta tensão), a descrição abundante de elementos espaciais pode trazer prejuízos à sintaxe compositiva, uma vez que a descrição - entendida como a transposição de alguma coisa que existe numa dimensão espacial para uma dimensão temporal - faz com que uma imagem, que surgiria de uma só vez em um tempo único no campo visual, surja progressivamente, temporalmente, ao ser transposta para a escrita. Evidentemente, como lembra Umberto Eco (1994), em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, “uma grande quantidade de descrição” pode ser não “tanto um artifício de representação”, mas “uma estratégia para diminuir a velocidade do tempo de leitura até o leitor entrar no ritmo que o autor julga necessário para a fruição do texto” (ECO, 1994, p. 65). Nesse caso, contudo, esse tipo de estratégia escaparia às particularidades do conto acima descritas. Assim, o elemento significativo das narrativas curtas, a que se referia Cortázar, reside “principalmente no seu *tema*, no fato de se escolher um acontecimento real ou fictício” (CORTÁZAR, 2006, p. 152-153, grifo do autor).

O tema, entretanto, reflete relações espaciais e temporais, conforme a concepção de cronotopo, de Bakhtin. Esse conceito pode ser entendido como as relações espaciais e temporais verificadas em objetos artísticos e literários, a partir das quais se revela uma concepção de mundo. As expressões de espaço e tempo, no entanto, não se apresentam separadas e se caracterizam por gradações de valor emocional. Mesmo que se informe um fato, dando indicações precisas sobre o lugar e o momento de sua realização, não se terá um cronotopo artístico, que se distingue, conforme Bakhtin, pelos “índices do tempo [que] transparecem no espaço, e [pelo] espaço [que se] reveste de sentido e é medido com o tempo”, ou, dito de outro modo, “o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história” (BAKHTIN, 2014, p. 211). Assim, apenas para efeito de análise é que se pode, numa reflexão abstrata, considerar o tempo e o espaço em separado, colocando-se à parte o seu grau de valor emocional. Vale salientar que “em literatura o princípio condutor do cronotopo é o tempo” (BAKHTIN, 2014, p. 212), o que fica evidente uma vez que se entenda que, na interligação entre as relações espaciais e temporais, o que se revela é o indivíduo histórico real. Tendo como pressupostos as observações sobre algumas particularidades do gênero conto e sobre o conceito bakhtiniano de cronotopo, sumariamente aqui expostos, é que se realiza a análise seguinte.

A história inicia-se com o relato da concepção de Madinusa, personagem que empresta o seu nome ao título da narrativa. Peter Simpson, um negro americano, mecânico da Força Aérea dos Estados Uni-

dos, estava numa cidadezinha do nordeste brasileiro, em uma de suas missões para defender o Império. Em um dos interregnos entre as suas atividades oficiais, decide desfrutar de alguns momentos de lazer, o que lhe era permitido sob a condição de, depois de aproveitar tais momentos, não olhar para trás. Assim, conhece Maria Aparecida, uma prostituta brasileira, mulata e de olhos claros, numa boate. Madinusa foi gerada justamente nesse encontro, cujo tempo necessário para a sua concepção é assim relatado: “o coito demorou exactamente dois minutos e meio nos fundos da buate onde ela [Maria Aparecida] trabalhava” (MELO, 2009, p. 55). Depois do ato, Peter seguiu fielmente as instruções do manual da Força Aérea americana, deixando Maria Aparecida, sem voltar a procurá-la, apesar de permanecer em solo brasileiro por mais três ou quatro meses.

Gerada a partir desse encontro em ritmo acelerado, Madinusa, garota de cor achocolatada escura, olhos verdes e cabelos lisos, “cresceu na mais absoluta discrição ou, para ser mais preciso, completamente ignorada pelo mundo” (MELO, 2009, p. 56), conforme o narrador, que lembra também a necessidade de dar verossimilhança aos fatos que conta. Daí que, de repente e inesperadamente, aparece na cidade de Madinusa o presidente dos Estados Unidos, G. W. Bush, “sozinho, totalmente entregue a si mesmo” (MELO, 2009, p. 57). O Grande Chefe do Império fora até “aquele ponto perdido do planeta convidar pessoalmente a jovem Madinusa – então com 16 anos de idade – a visitar Washington” (MELO, 2009, p. 58).

Antes de ressaltar as motivações subjacentes a essa visita inusitada, interessa mencionar que Madinusa nasceu em plena Segunda Guerra Mundial. Levando-se em consideração a cronologia histórica, o encontro da garota aos dezesseis anos com o presidente americano não seria possível, pois a Segunda Grande Guerra terminou em 1945 e G. W. Bush só chegou ao cargo de presidente dos Estados Unidos em 2001. Portanto, 56 anos separam o término de um evento e o início de outro. Talvez fosse válido inferir que houve um deslize do autor nesse aspecto.

Tratando-se de literatura, contudo, e levando-se em conta também a proposta do texto de Melo, deduzidas nesta análise, essa inferência não procede. Mais adequado, entende-se aqui, seria pensar que o autor luandense aproxima ficcionalmente dois períodos históricos, a fim de chamar a atenção para os elementos que, nas relações entre Norte e Sul², tendem a permanecer na continuidade das transformações, desde a Segunda Guerra Mundial até o período que se denomina como globalização³. Percebe-se também que os períodos aludidos e mesclados por João Melo no seu artefato cultural não foram aleatórios, pois coincidem com o domínio político estadunidense. Nesse aspecto, Immanuel Wallerstein (2012), no texto “A

2. Convém esclarecer que as referências aos termos Norte e Sul são tomados de empréstimo aqui do teórico português Boaventura de Souza Santos (2004), no texto *Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro*. O Norte diz respeito às formas de dominação imperial, colonial e patriarcal. As elites políticas, culturais e sociais de diversos países, a norte ou a sul, podem compartilhar da mesma percepção de dominação. Já o Sul constitui-se como metáfora do sofrimento humano causado pela modernidade capitalista. Embora tais referências não sejam geográficas, elas coincidem no texto de Melo, no que diz respeito à dominação imperial dos Estados Unidos e ao sofrimento daqueles habitantes de uma cidadezinha do nordeste brasileiro.

3. Conforme Immanuel Wallerstein (2004), em *World-system analysis*, o termo globalização “foi inventado nos anos 1980. É normalmente pensado em referência à configuração da economia-mundo que veio a existir apenas recentemente, em que as pressões sobre todos os governos para abrir suas fronteiras ao movimento de mercadorias e capital são extraordinariamente intensas. Isso é o resultado, conforme se argumenta, de avanços tecnológicos, especialmente no campo da informática. O termo é tanto uma prescrição quanto uma descrição. Para os analistas do sistema-mundo, o que é descrito como alguma coisa nova (fronteiras relativamente abertas) tem sido, na verdade, uma ocorrência cíclica através da história do moderno sistema-mundo” (WALLERSTEIN, 2004, p. 93, tradução minha).

crise estrutural no sistema-mundo”, esclarece que “entre 1945 e os anos 1970 foi também um período de hegemonia política dos Estados Unidos”. Esse “quase monopólio geopolítico [no entanto] foi quebrado” e “os Estados Unidos entraram num período de declínio hegemónico que, inicialmente lento, se acelerou durante a presidência de George W. Bush” (WALLERSTEIN, 2012, p. 19).

O G. W. Bush do escritor angolano tinha a pretensão de levar Madinusa para Washington com o objetivo de receber “uma homenagem especial, em virtude da sua inestimável contribuição àquilo que a assessoria da Casa Branca designava como Plano Estratégico para Salvar a Imagem do Império” (MELO, 2009, p. 58). Assumindo-se favorável à política norte-americana de então, o narrador afirma:

Embora a contragosto, por causa do meu pró-americanismo oblíquo, tenho de revelar, neste ponto, que a imagem do Império, naquele tempo, estava, para ser comedido, um tanto ou quanto rarefeita. Para tal contribuíam, de forma decisiva, os múltiplos e complexos ressentimentos dos povos periféricos e dos seus pseudo-intelectuais, incapazes de alcançar o verdadeiro espírito subjacente a certos actos imperiais, como a destruição da velha Mesopotâmia, a tortura dos soldados iraquianos em Abu Ghraib, os voos secretos da CIA sobre a Europa ou a manutenção da prisão de Guantánamo (MELO, 2009, p. 58).

Parece oportuno analisar a declarada inclinação pró-imperialista do narrador, a fim de evidenciar a construção irônica do seu enunciado. Beth Brait (2008), em *Ironia em perspectiva polifônica*, esclarece que, quando se trata de ambiguidade irônica⁴, o narrador, “ao mesmo tempo que simula, aponta para essa simulação” (BRAIT, 2008, p. 107). Ao afirmar que povos periféricos (dos quais faz parte) e seus pseudo-intelectuais não seriam capazes de entender o “verdadeiro espírito subjacente” a certos atos imperiais, o narrador parece mesmo estar de acordo com os procedimentos do Império. Ao se referir, entretanto, à invasão do Iraque usando expressões como “destruição da velha Mesopotâmia” e “tortura dos soldados iraquianos em Abu Ghraib”, oferece uma perspectiva valorativa negativa em relação às ações imperialistas que relata. Dito de outro modo, apesar de o narrador afirmar, no enunciado, ter apreço pelo domínio imperial, manifesta, na enunciação enunciada, uma avaliação contrária, revelando, assim, o seu verdadeiro ponto de vista.

Uma vez que Melo menciona fatos históricos no seu texto ficcional, como a Ocupação do Iraque, torna-se pertinente considerar a argumentação desenvolvida por Naomi Klein (2007), em *A doutrina do choque*, sobre o tema. A escritora canadense afirma que a investida contra o Iraque foi amplamente acompanhada de uma campanha midiática para dissimular os verdadeiros desígnios dos Estados Unidos. Difundi-se, por exemplo, que o país do Oriente Médio representava uma ameaça por causa das armas de destruição em massa que supostamente possuía. Além disso, intelectuais identificados como neoconservadores sustentavam que “o terrorismo se originava em diversos lugares do mundo árabe e muçulmano”,

4. Entre as várias definições de ironia a partir de uma dimensão discursiva, encontra-se a que pressupõe três elementos: “um narrador [...] que enuncia uma mensagem de tal forma que ela tenha como centro a narração de um acontecimento que, por ser enunciado dessa e não de outra maneira”, aparece como uma contradição, produzindo um efeito polissêmico; “um receptor [...] que no caso é o leitor a quem o narrador se dirige, estabelece uma cumplicidade [...] e um alvo dessa ironia” (BRAIT, 2008, p. 78-79), podendo haver uma coincidência parcial ou total entre esses elementos. Pode ser acrescida a essa definição a noção de que a ambiguidade irônica, para funcionar, é construída pelo narrador para ser desmascarada pelo receptor, caso contrário, o efeito irônico desaparece.

cujas causas eram atribuídas ao “déficit regional de democracia de livre mercado” (KLEIN, 2007, p. 390). As verdadeiras motivações subjacentes às ações imperiais, contudo, eram outras. O Iraque possuía vastas reservas de petróleo e o seu território, “que permanecera fora do ímpeto para construção de um mercado global, baseado na visão de capitalismo desregulado de Friedman⁵”, era adequado para a instalação de bases militares por sua localização central. Assim, depois “que a cruzada conquistou a América Latina, a África, a Europa Oriental e a Ásia, o mundo árabe passou a constituir a sua fronteira final” (KLEIN, 2007, p. 388). A apregoada criação de uma nação modelo no centro do mundo árabe encerrava em si a “suposição não declarada, desde o início, [de] que grande parte [da nação que já existia ali] deveria desaparecer [...] uma violência colonialista extraordinária” (KLEIN, 2007, p. 392).

Antes de analisar a inestimável contribuição que a personagem principal teria prestado à imagem do império, torna-se pertinente ressaltar que, além da contiguidade temporal alinhavada pelo autor caluanda, verifica-se também uma vizinhança espacial aludida no seu objeto cultural. O G. W. Bush de Melo “não tinha nada que fazer no seu rancho no Texas” e, portanto, “resolveu dar um pulinho ao seu quintal latino-americano” (MELO, 2009, p. 60). Nota-se que o autor africano promove uma aproximação entre os espaços, ao utilizar o significante “quintal”, em sentido figurado, aliás, bastante comum, significando “âmbito de influência”, vizinhança também forjada pelo uso da expressão “dar um pulinho”. Já na terra natal da moça, o ocioso Chefe do Império dirige-se ao barbeiro local e, misturando, português, inglês e espanhol, pergunta: “Ei, man! [...] Usted sabe onde posso encontrar uma menina chamada Madinusa? A CIA garantiu-me que ela mora aqui, na Ilha da Páscoa...” (MELO, 2009, p. 60). Apesar das possíveis semelhanças com a cidade de origem da moça, a Ilha de Páscoa, notoriamente, não se localiza no nordeste brasileiro. Situa-se, na realidade, no Chile⁶. Poder-se-ia pensar que, nesse ponto, Melo queira causar uma outra aproximação inusitada, porém deixa implícito que a informação fornecida pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos foi, na verdade, rasurada pelo próprio presidente: “Como se sabe, é difícil conversar com o Grande Chefe do Império, em especial sobre geografia” (MELO, 2009, p. 57).

Como se pode depreender dos excertos até aqui destacados, o motivo do encontro (nos termos de Bakhtin) entre Norte e Sul, com as consequências daí advindas, se evidencia como cronotopo privilegiado na narrativa do autor caluanda, o que se nota já pela relação apressada entre Peter Simpson e Maria Aparecida, carregada, contudo, de intenso valor emocional, pelo menos no que toca à prostituta brasileira. Convém, a esta altura da análise, perguntar-se que tipo de visão de mundo a composição do enredo do autor caluanda parece condensar, ao realizar aproximações espaço-temporais inesperadas, relacionando personagens que, em situações de normalidade, estariam separadas pela hierarquia social e pelo espaço, como no caso da mais ilustre figura política do mundo que, de repente, desloca-se do Império para aquele “remoto lugar”, “ponto perdido” no nordeste brasileiro, em busca da desconhecida Madinusa.

5. Conforme Klein, “Milton Friedman, grande guru do movimento pelo capitalismo sem grilhões” (KLEIN, 2007, p. 14), considerava-se um liberal. Sua ortodoxia, contudo, “é conhecida como ‘neoliberalismo’, mas também pode ser chamada de ‘livre-comércio’ ou simplesmente ‘globalização’” (KLEIN, 2007, p. 24).

6. Apenas a título de informação, para indiciar que a referência ao Chile parece não ser tão fortuita, apesar de o autor angolano não apontar outros indícios no seu texto relacionados especificamente a esse país (que faz parte do Sul), Naomi Klein lembra que George W. Bush, em relação ao Oriente Médio, afirmava pretender “‘espalhar a liberdade numa região problemática’ [...] Porém, tratava-se daquele tipo diferente de liberdade, que fora oferecido ao Chile, nos anos 1970 [...] a liberdade para as multinacionais do Ocidente se apropriarem dos Estados recentemente privatizados” (KLEIN, 2007, 391).

Ao que parece, pela observação dos elementos até aqui apresentados, a composição narrativa de João Melo evidencia uma visão de mundo em que se destaca uma versão da globalização, vista como fábula, que o autor angolano tenta desvelar, e que, conforme Milton Santos (2001), em *Por uma outra globalização*, “A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos” (SANTOS, M., 2001, p. 18-19). Outro índice que corrobora a ideia de que a temática do autor luandense diz respeito à problematização (nos limites da inteligibilidade do texto literário, por óbvio) da decantada globalização é a fala do narrador no início do texto, quando, precavendo-se de questionamentos sobre as razões que levariam um escritor angolano a escrever uma história ocorrida no Brasil, afirma provocativamente: “A cena (etimologicamente falando) agora é global, topam?” (MELO, 2009, p. 53).

Observando-se também o relato curioso do tempo de concepção de Madinusa, informação que poderia ser percebida, para ter comedimento, apenas como interessante, vale lembrar, com Bakhtin, que nenhum “gênero artístico pode ser construído sobre o que é simplesmente interessante. Para ser interessante ele deve tocar em algo de essencial. Pois somente pode ser importante uma vida humana, ou, em todo caso, algo que tenha relação direta com ela” (BAKHTIN, 2014, p. 230). Ainda sobre esse aspecto, Alfredo Bosi afirma que “a invenção do contista se faz pelo achamento [...] de uma situação que atraia, mediante um ou mais pontos de vista, espaço e tempo, personagens e trama. Dai não ser tão aleatória ou inocente, como às vezes se supõe, a escolha que o contista faz do seu universo” (BOSI, 1977, p. 8). Nesse sentido, interpreta-se aqui a cópula aligeirada entre Peter Simpson e Maria Aparecida, numa relação comercial, como metáfora – inusitada por certo, mas autorizada pela própria narrativa de Melo, também inusitada – da aceleração contemporânea, em que o mercado, “com suas exigências de competitividade, obriga a aumentar a velocidade”, nos termos de Milton Santos (SANTOS, M., 2001, p. 123).

Ainda com o teórico brasileiro, para fortalecer a hipótese colocada, importa mencionar os seus comentários sobre a percepção da globalização como uma espécie de fábula, como uma aldeia global em que a ideia de espaço e tempo contraídos permitiria “imaginar a realização do sonho de um mundo só, já que, pelas mãos do mercado global, coisas, relações, dinheiros, gostos largamente se difundem por sobre continentes, raças, línguas, religiões” (SANTOS, M., 2001, p. 41). É o que se constata, por exemplo, quando G. W. Bush finalmente encontra Madinusa, “esta não queria acreditar. A Virgem Maria tinha escutado as suas preces. Finalmente, um gringo tinha vindo salvá-la da fome e da miséria (MELO, 2009, p. 60)” e começou a:

imaginar-se desembarcando no aeroporto internacional de Washington, totalmente transfigurada (ou, se quiserdes, ‘produzida’), sendo recebida por uma efusiva claque de – madinusetes – e encaminhada para uma limusina, igualzinha àquela que povoava os seus sonhos de menina pobre e viciada em filmes de Hollywood, a qual a conduziria pelas ruas da capital do Império até à Casa Branca (MELO, 2009, p. 61, grifo do autor).

Voltando à contribuição inestimável que Madiusa teria feito aos Estados Unidos, faz-se necessário recordar que, como anteriormente mencionado, a imagem imperial estava, à época, infamada. De modo

que era preciso “criar algum facto novo que ajudasse a salvar a face do Império” (MELO, 2009, p. 58). Tão logo foi descoberto que havia alguém com o nome de Madinusa no planeta, e que, portanto, não era personagem de ficção, resolveram imediatamente “contratar um guru de planeamento estratégico” (MELO, 2009, p. 59) para verificar a “intrínseca relação – apenas foneticamente intuída – entre esse nome e o papel civilizatório do Império” (MELO, 2009, p. 59).

As pesquisas do famigerado guru o levaram a descobrir que, durante a Segunda Guerra Mundial, a cidadezinha de Maria Aparecida foi abastecida pela Força Aérea Americana, com produtos enlatados produzidos nos Estados Unidos, que, conforme o narrador, “muito contribuíram para mitigar a fome daqueles desgraçados, filhos de Índios, negros e portugueses” (MELO, 2009, p. 60). A mãe da protagonista, aliás, foi provida por alguns desses mantimentos, como remuneração pelos serviços prestados a Peter Simpson. Tão agradecida ficou que decidiu retribuir o gesto do mecânico americano, reconhecendo “perante todos que a sua filha tinha sido *made in USA*, embora não geograficamente (tratou-se, digamos assim, de um serviço prestado a domicilio por Peter Simpson)” (MELO, 2009, p. 60).

Parecia, portanto, oportuno enaltecer essa estranha contribuição, não de Madinusa, mas do Império em relação à língua portuguesa. Dito de outro modo, o esforço de G. W. Bush, em pessoalmente procurar Madinusa, uma vez que “Madame Rice estava muito ocupada a tentar apaziguar uns povos remotos quaisquer, que teimavam em escapar às malhas do Império” (MELO, 2009, p. 60), consistia em forjar um acontecimento que relacionasse o Império do Norte a uma miserável do Sul, revestido ideologicamente como contribuição benévola, de modo que “ajudasse a salvar a face do Império. A descoberta de alguém com o significativo nome de Madinusa era rigorosamente providencial” (MELO, 2009, p. 58). Providencial também é notar a convergência entre a inteligibilidade que se pode colher do texto do autor angolano com o que diz Milton Santos sobre a veracidade das informações instantâneas em tempos de globalização:

A informação instantânea e globalizada por enquanto não é generalizada e veraz porque atualmente intermediada pelas grandes empresas de informação. E quem são os atores do tempo real? Somos todos nós? Esta pergunta é um imperativo para que possamos melhor compreender nossa época. A ideologia de um mundo só e da aldeia global considera o tempo real como um patrimônio coletivo da humanidade. [...] A história [entretanto] é comandada pelos grandes atores desse tempo real, que são, ao mesmo tempo, os donos da velocidade e os autores do discurso ideológico (SANTOS, M., 2001, p. 28).

Por um lado, é possível extrair do texto de Melo que há manipulação ideológica do Norte em relação ao Sul, através de discursos que tendem a apresentar a globalização como fábula. Pode-se, por outro lado, aprofundar essa interpretação se se entende que a personagem principal, cujo nome remete a uma produção mercadológica realizada pelos Estados Unidos, *made in USA*, no próprio território brasileiro, representa, apesar da beleza com que o autor angolano descreve os seus aspectos físicos, a miséria que o Império produz fora do seu próprio território. Subjacente a essa interpretação, é possível inferir também que o texto do escritor angolano evoca a ideia de que o desenvolvimento histórico não é unívoco e unilinear, pois distintas temporalidades podem atravessar um mesmo momento histórico, a partir das quais, configuram-se determinadas identidades de sujeito que, mesmo afetadas pelo contato com tendências

homogeneizadoras, tendem a permanecer, apesar de mudanças histórico-sociais ocorridas. Isso é o que se pode deduzir do trecho seguinte:

Felizmente, não havia *paparazzi* naquele remoto lugar do planeta onde ela tinha nascido. Assim, Madinusa pode correr à vontade pelas ruas, fazer recados para a mãe, brincar com papagaios multicoloridos, vendo-os esvoaçar pelos céus com a esperança de que pudessem levá-la com eles, namorar às escondidas nos becos (MELO, 2009, p. 56, grifo do autor).

As ações relativas ao desenvolvimento de Madinusa, como “correr à vontade pelas ruas, fazer recados para a mãe, brincar com papagaios [...] namorar às escondidas nos becos”, mostram nitidamente o real cotidiano de alguém que tenha crescido numa cidadezinha do nordeste brasileiro. Corroborando a perspectiva bakhtiniana de que “o que é estático-espacial não deve ser descrito de modo estático, mas deve ser incluído na série temporal dos acontecimentos representados e da própria narrativa-imagem” (BAKHTIN, 2014, p. 149), não há descrições de espaços estáticos no texto de Melo, mas é possível percebê-los exatamente nessa cotidianidade que indicia certa tranquilidade, e que poderia ser verificada nesse ambiente como um aspecto positivo, tanto no momento pós-Segunda Guerra Mundial quanto no início do século XXI, apesar das transformações históricas ocorridas nesse período. Há, contudo, aspectos socioeconômicos lamentáveis que, apesar da passagem do tempo, continuam no universo representado pelo autor angolano, como os revelados desde o momento em que Maria Aparecida, para matar a sua fome, recebia alimentos enlatados em troca dos seus serviços, até o encontro do chefe dos gringos com Madinusa, quando a vizinhança entusiasmada começou a rodeá-lo, fazendo com que G. W. Bush sentisse um certo temor “daqueles rostos esqueléticos, daquelas bocas desdentadas [...] enfim, daquelas figuras miseráveis e quase sub-humanas” (MELO, 2009, p. 61).

Importante, neste ponto, é destacar a questão colocada por João Melo no início do seu texto, quando se pergunta por que “um simples escritor angolano escreve uma estória ocorrida num país tão extravagante como o Brasil”, pergunta que vem acompanhada da resposta concisa de que o cenário atual é de globalização. Para ampliar a sua resposta, evoca-se aqui o conceito de exotopia, desenvolvido por Bakhtin (2011), em *Estética da criação verbal*, que também trata da relação entre espaço e tempo, mas sob a perspectiva da criação estética e do lugar do autor. Para entender esse conceito, o exemplo de Bakhtin é esclarecedor:

quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver [...] Esse *excedente* constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo (BAKHTIN, 2011, p. 23, grifo do autor).

Em outras palavras, resumidamente, a exotopia diz respeito à representação do outro, no que se refere aos valores inerentes à visão que aquele que representa, a partir do lugar que ocupa, tem em relação

ao representado. No texto sob investigação, tem-se um escritor angolano, ambientando a sua narrativa em um país, nas suas palavras, de Terceiro Mundo, expondo algumas das suas chagas, como a miséria, e colocando esse mundo em contato com o Império que, alusivamente, conforme a análise tentou demonstrar, seria o causador, pelo menos em parte, dessas feridas, mas que, por mecanismos de propaganda ideológica, tenta dissimular.

O autor caluanda – cujas “mãos colocaram pedras nos alicerces do mundo. Um dos lugares onde isso sucedeu foi, precisamente, o Brasil” (MELO, 2009, p. 53) –, a partir do seu lugar de enunciação, o chamado Sul, e do seu excedente de visão, confere, sem dúvidas, visibilidade a Madinusa, personagem também do Sul, ao colocá-la no centro da sua narrativa. Percebe-se, nesse artifício de representação, contudo, uma denúncia da pobreza estrutural globalizada, politicamente produzida por atores do Norte, tanto locais quanto imperiais.

O narrador parece também se identificar com a personagem principal, sem, contudo, assumir um compromisso ético, indo ao encontro do que Bakhtin diz, em relação ao sofrimento do representado: “Devo vivenciá-lo esteticamente e concluí-lo (aqui estão excluídos atos éticos como ajuda, salvação, consolação)” (BAKHTIN, 2011, p. 23). Talvez, por ter essa advertência de Bakhtin em mente, ou outra semelhante, depois de dispor as premissas (já desenvolvidas nesta análise) que conduziriam a narrativa para um desfecho previsto, termina assim o seu conto: “O que terá sucedido, então, a Madinusa, depois do seu inesperado encontro com G. W. Bush? [...] isto não é uma novela da Globo, mas um livro de contos sérios, profundos e responsáveis. [...] Adivinhem.” (MELO, 2009, p. 62).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- ECO, Humberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- MELO, João. **O homem que não tira o palito da boca**. Lisboa: Caminho, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro**. Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt>>. Acesso: 10 abr. 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World-system analysis: an introduction.** London: Duke University Press, 2004.

_____. A crise estrutural no sistema-mundo: para onde vamos a partir daqui? **Via Atlântica.** São Paulo, n. 21, p. 15-26, 2012.

Submetido à publicação em 29 de dezembro de 2016.

Aprovado em 10 de março de 2017.